

**Qualidade de Vida de Catadores de Materiais Recicláveis de Cooperativas em São Paulo: Estudo de Casos Múltiplos**

**CARMEN AUGUSTA VARELA**  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FEI  
cvarela@fei.edu.br

**AUDREY SILVA-HEIN**  
audrey.silva@fei.edu.br

## **Qualidade de Vida de Catadores de Materiais Recicláveis de Cooperativas em São Paulo: Estudo de Casos Múltiplos**

### **Resumo**

O objetivo geral deste estudo é analisar como se dá a qualidade de vida dos catadores de materiais recicláveis em cooperativas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e descritiva, desenvolvida por meio de estudo de casos múltiplos, em quatro cooperativas de São Paulo. Os dados foram coletados por intermédio de observação direta e entrevistas realizadas através de dois roteiros semiestruturados, sendo um para os gestores e outro para os catadores cooperados. A maioria das cooperativas tem desafios a vencer, referentes, principalmente, a necessidade de melhorias na sua infraestrutura e na disponibilidade de tecnologia. No entanto, os cooperados percebem que ocorreram melhorias em sua qualidade de vida, relacionadas a aspectos financeiros, como seu acesso à renda, alimentação e habitação. Para eles, a qualidade de vida é vista como a capacidade para trabalhar e conquistar bens materiais. A doença costuma somente ser reconhecida, quando os impede de ir às cooperativas. Esse fato aumenta a sua vulnerabilidade, podendo afetar a sua qualidade de vida no trabalho, deixando-os mais expostos a riscos e acidentes. Constata-se que a dinâmica das cooperativas favorece transformações sociais e econômicas, tornando-se uma alternativa viável para o desenvolvimento local, apesar de não ser a solução ideal.

**Palavras-chave:** Resíduos Sólidos Urbanos. Cooperativas de catadores. Qualidade de vida no trabalho. Vulnerabilidade Socioambiental.

## **Quality of life of Recyclable Waste Pickers of Cooperatives in São Paulo: Multi-case study**

### **Abstract**

The general purpose of this study is to analyze how the quality of life of recyclable material scavengers occurs, in cooperatives, in SP. This is a qualitative and descriptive survey, developed through multi-case study, in four cooperatives in São Paulo. The data was collected through direct observation and interviews conducted through two semi-structured scripts, being one for managers and one for the cooperated scavengers. Most cooperatives have challenges to overcome, notably, the need for improvements in their infrastructure and technology availability. However, cooperated scavengers perceive that improvements have occurred in their quality of life, related to financial aspects, such as their access to income, feeding and housing. For them, the quality of life is seen as the ability to work and conquer material goods. The illness is usually recognized when it prevents them from going to cooperatives. This fact increases its vulnerability, and can affect its quality of life at work, leaving them more exposed to risks and accidents. It is noted that the dynamics of cooperatives favours social and economic transformations, making it a viable alternative to local development, although it is not the ideal solution.

**Key Words:** Urban Solid Waste. Waste pickers cooperatives. Quality of life at work. Environmental Vulnerability.

## 1 Introdução

A destinação dos Resíduos Sólidos Urbanos (RSU) tornou-se uma preocupação e tem sido alvo de estudos que indicam a necessidade de tratamento e de locais adequados para a sua disposição final (BESEN *et al.*, 2014). O Estado de São Paulo, com quase 42 milhões de habitantes, em 2015, gerou em torno de 39,3 mil toneladas de Resíduos Sólidos Urbanos (RSU) por dia (CETESB, 2016). A previsão para 2030 é de um aumento na produção desses resíduos de 107,60% (BRASIL, 2014). Deve-se observar, também, que o crescimento da quantidade de RSU leva à ampliação dos custos de seu tratamento para as cidades (IPEA, 2010).

Neste contexto, insere-se a ação dos catadores de materiais recicláveis, responsáveis pela coleta de uma grande quantidade desse material. Trata-se de uma população estimada de um milhão de catadores no país, entre cooperados e autônomos (CEMPRE, 2013). A inclusão desses indivíduos organizados em um sistema de coleta seletiva busca promover a inserção social dessa população carente de recursos e com dificuldades para atuar no setor de trabalho formal (SOUZA; PAULA; SOUZA-PINTO, 2012; BESEN *et al.*, 2014).

Deve-se considerar também que, antes, os RSU eram compostos, em sua maior parte, por resíduos orgânicos, mas atualmente contêm uma quantidade maior de resíduos de difícil degradação, como microorganismos infectantes e agentes químicos, o que tem elevado o seu grau de periculosidade (FERREIRA; ANJOS, 2001; SOUZA; PAULA; SOUZA-PINTO, 2012; BESEN *et al.*, 2014). Além disso, outro aspecto a ser considerado a respeito do manuseio dos RSU refere-se aos riscos ocupacionais e aos acidentes relacionados ao trabalho direto dos catadores com os resíduos (FERREIRA; ANJOS, 2001; PORTO *et al.* 2004; VARELA; LOPES, 2013). Nesse sentido, Alves (2013) e Kojima e Damanhuri (2009) ainda acrescentam que a exposição ao risco ambiental, somado à pobreza, pode gerar maior fragilidade e insegurança, desencadeando uma alta vulnerabilidade socioambiental.

Para que ocorra a mudança desse cenário para outro, que contemple qualidade de vida, vários autores (BUSS, 2000; MINAYO; HARTZ; BUSS, 2000; SEIDL; ZANNON, 2004; VARANDA; ADORNO, 2004; ALMEIDA *et al.*, 2009; SIQUEIRA; MORAES, 2009; FIORATI *et al.*, 2014) afirmam que se faz necessário o acesso às condições que satisfaçam as necessidades humanas básicas, tais como uma boa alimentação, água potável, habitação, saneamento, saúde, educação e lazer, entre outros. O trabalho é um dos meios para suprir essas necessidades e alcançar a qualidade de vida. Em função disso, busca-se compreender o que ocorre no ambiente de trabalho. As condições de vida no trabalho podem ser uma forma de propiciar bem-estar, saúde e segurança física, mental e social, além da capacitação para a realização de tarefas do dia a dia com segurança (LIMONGI-FRANÇA; ASSIS, 1995).

No entanto, normalmente, os estudos sobre os catadores de materiais recicláveis costumam abordar aspectos econômicos, como a possibilidade de aumento de renda se esses trabalhadores estiverem organizados em cooperativas ou associações (FILARDI; SIQUEIRA; BINOTTO, 2011; SOUZA; PAULA; SOUZA-PINTO, 2012; BESEN *et al.*, 2014); a probabilidade de contribuir para a diminuição do custo resultante do tratamento de resíduos sólidos pelos municípios; ou os aspectos sociais e ambientais, como a contribuição desse profissional para uma boa manutenção do meio ambiente e para a promoção da saúde da sociedade (FILARDI; SIQUEIRA; BINOTTO, 2011; ASIM; BATOOL; CHAUDHRY, 2012; SOUZA; PAULA; SOUZA-PINTO, 2012; BESEN *et al.*, 2014; DIAS, 2016). Ainda são poucas as abordagens que buscam despertar a atenção para os problemas de saúde e qualidade de vida relacionados à função ocupacional do catador. Nesse âmbito, observa-se que há mais pesquisas referentes aos problemas de saúde pública e associadas ao modo de gerenciamento dos RSU.

Desta maneira, o objetivo geral deste estudo é analisar como se dá a qualidade de vida dos catadores de materiais recicláveis, em cooperativas, em SP. Buscou-se elencar quais os

riscos, no ambiente de trabalho, que podem afetar a saúde e qualidade de vida dos cooperados e conhecer a sua percepção sobre as transformações que ocorreram em sua vida, a partir do ingresso na cooperativa.

## **2 Referencial Teórico**

Neste item busca-se mostrar o cenário de vulnerabilidade socioambiental dos catadores de materiais recicláveis, quando expostos a situações de risco. São apresentados os conceitos de saúde e qualidade de vida e faz-se uma breve discussão sobre qualidade de vida no trabalho.

### **2.1 A inserção de catadores de materiais recicláveis no processo de coleta seletiva**

Os catadores de materiais recicláveis, profissão registrada na Classificação Brasileira de Ocupação (CBO), desde 2002, são responsáveis pela coleta de uma grande quantidade de resíduos sólidos. No Brasil, em 2012, 18% dos resíduos separados para reciclagem foram coletados por catadores, sendo que o restante ficou a cargo de atacadistas (CEMPRE, 2015).

No entanto, apesar da conscientização sobre a relevância dos catadores de materiais recicláveis e a importância da coleta seletiva para a melhora da qualidade de vida da população (GUTBERLET *et al.*, 2017; BESEN *et al.*, 2014; CASTILHOS JUNIOR *et al.*, 2013; ASIM; BATTOOL; CHAUDHRY, 2012; FILARDI, SIQUEIRA, BINOTTO, 2011), a questão econômica, de geração de renda a partir do lixo, ganha mais destaque do que as questões ligadas ao contexto ambiental, referentes à escassez de recursos naturais.

Observa-se também, que um sistema de coleta seletiva com a inclusão de catadores organizados em cooperativas ou associações difere da contratação tradicional de serviços privatizados (BESEN *et al.*, 2014; VELIS, 2017), uma vez que busca promover a inserção social de uma parcela da população de importante atuação no contexto dos resíduos e meio ambiente, mas carente de recursos para sua sobrevivência e com dificuldades para atuar no mercado de trabalho formal (SOUZA; PAULA; SOUZA-PINTO, 2012; BESEN *et al.*, 2014).

Somam-se a esse cenário de restrição de renda e trabalho, uma visão negativa do catador, associado ao lixo como algo sujo, e a categorização do trabalho de catação como sendo realizado por pessoas sem qualificação, costumeiramente confundidas com ladrões e mendigos (CARMO, 2009; SEMBIRING; NITIVATTANANON, 2010; CASTILHOS JUNIOR *et al.*, 2013). Esta profissão de catador tem enfrentado pouco reconhecimento social, o que parece resultar em profissionais com baixa autoestima (CARMO, 2009; CASTILHOS JUNIOR *et al.*, 2013; MAGNI; GÜNTHER, 2014). Além disso, eles costumam trabalhar em situações de insegurança, mantendo suas condições de pobreza (KAZTMAN *et al.*, 1999; KOJIMA; DAMANHURI, 2009). A imagem do catador tem-se apresentado como parte do problema da desigualdade social e não como uma das possíveis alternativas para contornar essas questões (CASTILHOS JUNIOR *et al.*, 2013).

### **2.2 Vulnerabilidade socioambiental dos catadores de materiais recicláveis**

A vulnerabilidade social abandona os enfoques tradicionais relativos à pobreza baseada unicamente na renda monetária. Ela abrange a insegurança e os desequilíbrios provocados por mudanças econômicas ou por outros eventos, partindo de uma visão mais abrangente sobre as condições de vida da população mais pobre, e considerando a disponibilidade de recursos e estratégias das famílias para enfrentar e se adaptar aos efeitos que as afetam (KAZTMAN *et al.*, 1999; VARANDA; ADORNO, 2004; ALVES, 2013; FIORATI *et al.* 2014).

Diante disso, um gerenciamento inadequado dos RSU pode ter consequências à saúde de populações vulneráveis às questões ambientais, com a diminuição da qualidade de vida e o surgimento de problemas de saúde, como se tem percebido na parcela da população formada

por catadores. Devido ao seu trabalho, encontram-se expostos a riscos de contaminação e danos à sua integridade física, causados por acidentes no manuseio dos resíduos, além da possibilidade de se tornarem portadores e transmissores de doenças (FERREIRA; ANJOS, 2001; VARELA; LOPES, 2013; LUND; ALFERS; SANTANA, 2016). As condições insalubres a que estão expostos, os tornam a parcela da população com a maior taxa média de morbidade e mortalidade (SOUZA; PAULA; SOUZA-PINTO, 2012).

Neste contexto de insalubridade, os agentes físicos, químicos e biológicos mais frequentemente encontrados nos RSU e as possíveis doenças que podem causar são demonstrados na Figura 1:

**FIGURA 1**  
**Agentes biológicos capazes de interferir no meio ambiente e na saúde humana**

<b>Agentes</b>	<b>Composição</b>	<b>Doenças</b>
<b>Físicos</b>	Odor	Dores de cabeça, náuseas e mal-estar
	Ruídos em excesso	Perda permanente ou parcial da audição, estresse, hipertensão arterial e tensão nervosa
	Objetos perfurocortantes	Ferimentos e cortes
<b>Químicos</b>	Presença de pilhas, baterias, óleos e graxas, pesticidas e herbicidas, produtos de limpeza, remédios, aerossóis	Uma parte desses resíduos contém metais pesados, podendo causar diversas doenças, como hipertensão arterial, infertilidade masculina, arritmias cardíacas, dermatite alérgica, problemas respiratórios, dentre outras.
<b>Biológicos</b>	Microorganismos presentes em curativos, <i>band-aids</i> , lenços de papel, fraldas descartáveis, absorventes, camisinhas, agulhas e seringas descartáveis etc.	Podem causar diversos problemas, entre eles doenças de pele, diarreias, verminoses, hepatite, AIDS etc.

Fonte: Autores baseados em Ferreira e Anjos (2001)

Os acidentes mais comuns entre as pessoas que manuseiam os RSU são os cortes com vidro; cortes e perfurações com objetos pontiagudos, como pregos, agulhas e seringas; atropelamentos devido à sobrecarga e condições do trânsito e das ruas; ferimentos diversos causados por mordidas de animais e picadas de insetos (presença de ratos, moscas, abelhas etc.); além da perda de membros pela prensagem de equipamentos de compactação (FERREIRA; ANJOS, 2001; PORTO *et al.* 2004).

Apesar de todas essas condições adversas, Porto *et al.* (2004) destacam que, para os catadores, o lixo é uma fonte de renda e sobrevivência. Assim, normalmente, a doença somente é reconhecida quando os impede de trabalhar. Nesse caso, a saúde é vista como a capacidade de trabalhar e, por esse motivo, esses trabalhadores negam a relação entre o trabalho e possíveis problemas de saúde, como diarreias, verminoses, doenças de pele e leptospirose.

### **2.3 Saúde e qualidade de vida**

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define saúde como sendo “o estado de completo bem-estar físico, mental e social e não consiste apenas na ausência de doença ou de enfermidade” (OMS, 1946, p. 1).

Dessa forma, variáveis como a distribuição de renda, o grau de escolaridade, o analfabetismo, as habitações e os ambientes frequentados são importantes determinantes nas condições de vida e saúde do indivíduo (BUSS, 2000).

A Carta de Ottawa (1986, p. 1) ainda ressalta que “A saúde é o maior recurso para o desenvolvimento social, econômico e pessoal, assim como uma importante dimensão da qualidade de vida”. Portanto, a saúde dentro dos parâmetros apontados nessa Conferência é um recurso essencial para o desenvolvimento da vida (BUSS, 2000).

Apoiando esses conceitos, Minayo, Hartz e Buss (2000), Seidl e Zannon (2004), Almeida *et. al.* (2009) e Siqueira e Moraes (2009) explicam que, para que haja qualidade de vida, é importante satisfazer as necessidades humanas mais básicas, como boa alimentação e nutrição, acesso à água potável, habitação, saneamento, trabalho, saúde, educação e lazer, meios para obtenção de conforto e bem-estar, apoio social para famílias e indivíduos, realização pessoal e coletiva. O trabalho é considerado um dos meios que asseguram a satisfação dessas necessidades, sendo relevante para a obtenção e a manutenção da qualidade de vida.

Assim, a saúde deixa de ser um conceito estático, mas vincula-se à totalidade da esfera humana, ao identificar o bem-estar e a qualidade de vida como estados dinâmicos e sociais. Ter saúde abrange a ampliação da autonomia e da qualidade de vida e, nesse âmbito, inserem-se as ações intersetoriais, mediante a participação das políticas públicas, sociedade, ações comunitárias, entre outros (BUSS, 2000).

#### **2.4 Qualidade de vida no trabalho (QVT)**

A QVT abrange os conceitos de saúde e qualidade de vida e os introduz no ambiente de trabalho, acrescentando a necessidade de qualificação para a execução das tarefas. Dessa forma, Limongi-França e Assis (1995) esclarecem que:

QVT (Qualidade de Vida no Trabalho) é uma compreensão abrangente e comprometida sobre as condições de vida no trabalho, incluindo aspectos de bem-estar, garantia de saúde e segurança física, mental e social e capacitação para realizar tarefas com segurança e bom uso da energia pessoal. (LIMONGI-FRANÇA; ASSIS, 1995, p. 26)

Deve-se compreender que a QVT trata de um contexto complexo e amplo relativo as estruturas organizacionais e as pessoas, sendo construída quando os objetivos da organização olham o todo de maneira a incluir a qualidade das relações de trabalho e o seu resultado para a saúde dos indivíduos e das organizações (LIMONGI-FRANÇA; ASSIS, 1995).

A implantação de ações que colaborem para um ambiente favorável a realização do trabalho, como as relacionadas à ergonomia, luminosidade, ventilação, alteração de *layout*, dentre outros, promovem situações que propiciam a diminuição do absenteísmo e de erros na execução de tarefas. Entretanto, ao se avaliar as condições de vida no trabalho não é comum encontrar, na gestão das organizações, práticas que levem à melhoria da saúde física e mental e que contemplem tecnologias adaptadas às necessidades do trabalhador (LIMONGI-FRANÇA; ASSIS, 1995).

Porém, ressalta-se que as organizações que relacionarem a produtividade com a valorização do desenvolvimento humano estarão à frente de seus competidores. Essa é mais uma forma que possibilitará a sobrevivência das organizações, que contarão com colaboradores com maior qualidade de vida. Nota-se que o mundo competitivo organizacional está em constante mudança e inovação. Assim, também surgem novas maneiras de compreender e administrar o bem-estar. À vista disso, questões como legislação mais rigorosa, maior consciência social e ambiental, globalização, estresse, saúde e segurança no

trabalho, entre outras, geram a procura por qualidade de vida no trabalho (VIEIRA; LIMONGI-FRANÇA, 2004).

### 3 Metodologia

O objetivo geral deste estudo é analisar como se dá a qualidade de vida dos catadores de materiais recicláveis, em cooperativas, em SP. Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório e realizada por meio de uma abordagem qualitativa e descritiva, uma vez que houve o propósito de retratar determinadas características referentes ao ambiente e às pessoas nele inseridas e pela busca da compreensão do fenômeno objeto deste estudo (GODOY, 1995).

Adotou-se o método de pesquisa de estudo de casos múltiplos realizado em quatro cooperativas localizadas no município de SP: Fênix Ágape, Cooperação, Coopamare e Coopere-Centro. Essas cooperativas foram selecionadas por terem projetos sociais, conforme informações fornecidas em mídias eletrônicas ou em reportagens publicadas nos meios eletrônicos. A Coopamare foi escolhida também por ser a primeira cooperativa de catadores criada no Brasil. Dessa maneira, tem-se um estudo de casos múltiplos que, de acordo com Godoy (2010), é favorável às comparações e assegura resultados mais robustos.

Entre julho e agosto de 2015 foram realizadas entrevistas com oito gestores das cooperativas e com doze cooperados, por meio de um roteiro semiestruturado, e observação direta não participante.

Com o propósito de identificar os gestores e os cooperados entrevistados e as cooperativas as quais pertencem, estabeleceu-se a seguinte codificação apontada na Figura 2:

**FIGURA 2**  
**Identificação dos Cooperados (C) e Gestores (G) Participantes**

Fênix Ágape	Cooperação	Coopamare	Coopere-Centro
C-FA1 / G-FA	C-CO1 / G-CO1	C-CP1 / G-CP1	C-CC1 / G-CC1
C-FA2	C-CO2 / G-CO2	C-CP2 / G-CP2	C-CC2 / G-CC2
C-FA3	C-CO3 / G-CO3	C-CP3	C-CC3

Fonte: Autores

Dos gestores entrevistados, um era da Fênix Ágape, três da Cooperação, dois da Coopamare e dois da Coopere-Centro, sendo seis mulheres, com idades entre 40 e 48 anos, e dois homens, um com 29 anos de idade e o outro com 44 anos. Foram entrevistados também três trabalhadores cooperados de cada cooperativa. Destes, oito são mulheres, com idades entre 22 e 70 anos, e quatro homens, entre 25 e 48 anos de idade. Todas as entrevistas foram realizadas no ambiente das cooperativas e tiveram um tempo médio de 45 minutos. As dos gestores foram gravadas, conforme autorização prévia e, posteriormente, transcritas. As dos cooperados não puderam ser gravadas, pois constatou-se que o gravador inibia os seus depoimentos e, por este motivo, optou-se por anotações sobre as afirmações dos entrevistados. A triangulação dos dados ocorreu durante toda a sua análise e tratamento, articulando-os à proposição deste estudo (CRESWELL, 2010; GODOY, 2010; YIN, 2010).

### 4 Resultados e Análise

O trabalho de catação está ligado ao conceito de que este é realizado por pessoas sem qualificação e que normalmente são confundidas com mendigos e ladrões (CARMO, 2009; SEMBIRING; NITIVATTANANON, 2010; CASTILHOS JUNIOR *et. al.*, 2013). Por isso, muitos têm vergonha de se declararem catadores de materiais recicláveis.

O mesmo ocorre com a denominação do que é lixo. Este termo, para os cooperados, é empregado por quem o descarta. Refere-se ao lixo depositado nas ruas pelas residências, comércio e até mesmo empresas, sendo este o material que os catadores (carroceiros) vasculham em busca de resíduos recicláveis. Para os que dão um destino diferente ao que foi descartado como “lixo”, essa expressão não é adequada, uma vez que o material coletado resulta no seu sustento (SEMBIRING; NITIVATTANANON, 2010). Notadamente, os entrevistados evitam a palavra “lixo” como forma de desvincular sua imagem como cooperado das conotações negativas dessa expressão (CARMO, 2009; CASTILHOS JUNIOR *et. al.*, 2013). O material que chega às cooperativas é chamado de resíduo ou material reciclável, mesmo quando está misturado ao lixo orgânico.

#### 4.1 Descrição das cooperativas e as condições de trabalho

A seguir, na Figura 3, serão descritas, resumidamente, algumas das características das cooperativas em que foi desenvolvida a pesquisa. Busca-se elencar a estrutura e condições de trabalho das cooperativas que podem afetar a saúde e QVT dos cooperados.

**FIGURA 3**  
**Descrição das cooperativas de catadores estudadas**

	<b>Fênix Ágape (Desde 2005)</b>	<b>Cooperação (Desde 2003)</b>	<b>Coopamare (Desde 1989)</b>	<b>Coopere-Centro (Desde 2004)</b>
Localização	Itaim Paulista / zona leste de SP	Vila Leopoldina / zona oeste de SP	Pinheiros / zona oeste de SP	Bom Retiro / região central de SP
Nº Homens/ Nº Mulheres	12 / 28	15 / 45	6 / 14	há mais mulheres (total 126)
Condições de Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> <li>•chão do galpão não é cimentado;</li> <li>•lama no local de triagem dos materiais;</li> <li>•poças d'água;</li> <li>•presença de insetos;</li> <li>•galpão cercado por muros.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•áreas bastante sujas e sem ventilação;</li> <li>•presença de lixo orgânico junto aos materiais recicláveis;</li> <li>•galpão cercado por muros.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•embaixo de um viaduto;</li> <li>•chão do galpão não é cimentado;</li> <li>•refeitório e banheiros do outro lado da avenida;</li> <li>•galpão parcialmente cercado por muros.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•forte mau cheiro;</li> <li>•lixo orgânico e hospitalar misturado aos materiais recicláveis;</li> <li>•presença de ratos e insetos;</li> <li>•galpão cercado por muros.</li> </ul>
Uso de Equipamento de Proteção Individual (EPI)	<ul style="list-style-type: none"> <li>•somente alguns cooperados usavam luvas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•cooperados uniformizados;</li> <li>•pouco uso de EPI's</li> <li>•cartazes sobre segurança no trabalho.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•nenhum cooperado usava EPI.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•cooperados uniformizados e utilizavam EPI's.</li> </ul>
Treinamentos e Benefícios	<ul style="list-style-type: none"> <li>•cursos profissionalizantes; atendimentos odontológicos e oftalmológicos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•cursos sobre direitos e deveres dos cooperados.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•dois cooperados com curso na USP para tratar materiais eletroeletrônicos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•atendimento médico.</li> </ul>
Clima Organizacional	<ul style="list-style-type: none"> <li>•gestora ordena e cooperados não participam da gestão.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•problemas de relacionamentos entre homens e mulheres;</li> <li>•alto índice de gravidez.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•faltas ao trabalho e pouca de cooperação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•alta rotatividade de cooperados;</li> <li>•problemas de relacionamentos entre homens e mulheres.</li> </ul>

Fonte: Autores

Nota-se que todas as cooperativas visitadas apresentam problemas estruturais, que dificultam a realização de suas atividades e a capacitação para realizar tarefas com segurança. Da mesma forma, verifica-se que o relacionamento no trabalho entre os cooperados apresenta complicações desfavoráveis ao desempenho das cooperativas (LIMONGI-FRANÇA; ASSIS, 1995).

#### 4.2 Análise das entrevistas com os gestores

A possibilidade de sobreviver a partir da coleta seletiva realizada por uma população com dificuldades de atuar no mercado formal de trabalho (VARANDA; ADORNO, 2004; CARMO, 2009; SOUZA; PAULA; SOUZA-PINTO, 2012; BESEN *et. al.*, 2014; FIORATI *et. al.*, 2014), é o cenário comum da vida dos gestores das cooperativas. O início de todos foi difícil e caracterizado por preconceito, poucas oportunidades de trabalho, carência de formação profissional, baixo nível de escolaridade, dificuldades financeiras (VARANDA; ADORNO, 2004; CARMO, 2009; SOUZA; PAULA; SOUZA-PINTO, 2012; FIORATI *et. al.*, 2014; MAGNI; GÜNTHER, 2014) e relegados a espaços da periferia de SP.

Eu só estudava. Comecei com dezoito. Minha história foi meio complicada. (...) a visão deles era outra na época, mendigo, essas coisas, né. Não tinha um conceito, né, entendeu? (...) Às vezes, o pessoal passava de carroça e jogava casca de banana na gente, xingava. (G-CP1)

Os gestores relataram melhorias em suas vidas, no âmbito socioeconômico, com o ingresso nas cooperativas de catadores, confirmando os estudos de Filardi, Siqueira e Binotto (2011). Ter uma boa alimentação e acesso à saúde também são apontados como uma transformação relevante em suas vidas. Todos os gestores têm planos para o futuro, como ter filhos, comprar um apartamento, ter seu próprio negócio ou mesmo formar uma cooperativa de catadores em outro estado. A cooperativa é vista como um meio que possibilitou o alcance da estabilidade financeira, garantindo o sustento da família, a compra de imóveis e, em alguns casos, permitindo que seus filhos escolhessem outra profissão que não a de catador de materiais recicláveis (FILARDI; SIQUEIRA; BINOTTO, 2011).

Antes da cooperativa eu era uma mulher que não tinha casa (...) pagava aluguel. Hoje eu tenho minha casa, hoje eu tenho meu carrinho, já tô lutando pelo apartamento acolá. Financeiramente, graças à Deus, eu tô bem. (...) Quando eu comecei a mexer com reciclagem, tinha um terreno que comprei em duas pessoas. (...) com o tempo fui, paguei a parte do homem lá, hoje só é minha, tenho meu carrinho velho de andar pra lá e pra cá. Foi roubado um aqui na frente, com a graça de Deus comprei outro. (G-CO3)

Com relação às possíveis doenças que os catadores possam ter em contato com os materiais recicláveis, os gestores mencionaram a hepatite, a dengue e a leptospirose, mas ressaltaram que nem eles e nem nenhum dos cooperados tiveram essas doenças nos anos de atuação das cooperativas. Somente os gestores da Coopere-Centro especificaram que os cooperados comumente reclamam de dores nas costas e nas pernas, mas a doença mais frequente na cooperativa é a micose, mesmo com a obrigatoriedade do uso de EPI's.

O que eu já acompanhei aqui, que eu vou sempre acompanhar pessoas ao médico, então é micose. Tem uma senhora aí que tá com micose. (G-CC1)

Percebe-se que várias doenças, relacionadas ao trabalho com RSU e que podem acontecer em decorrência da exposição aos agentes físicos e biológicos, não são consideradas pela maioria dos gestores, como dores de cabeça, dores no corpo provocadas por posturas

forçadas, desconfortos, náuseas, mal-estar, diarreias e verminoses (FERREIRA; ANJOS, 2001; PORTO *et. al.*, 2004). Porém, as observações realizadas em campo mostraram a existência de mau cheiro e a presença de ratos e insetos em todas as cooperativas.

Quanto aos perigos inerentes ao trabalho de catação (FERREIRA; ANJOS, 2001; PORTO *et. al.*, 2004; VARELA; LOPES, 2013), os gestores alertam para os cortes nas mãos, nos braços e até nos pés, pelo manuseio com vidro, não havendo relatos sobre outros tipos de acidentes. Entretanto, os gestores confirmam que esses acidentes ocorrem por negligência do cooperado.

Eles não tomam os cuidados necessários. Se você tá dentro de uma cooperativa, uma das coisas, não pode trabalhar sem luva. Você não pode trabalhar sem bota, sem os EPI's, máscara. (...) Um ou outro usa, o resto não. (...) Mas até aí, você não usar, porque você não quer, é uma coisa, porque você não tem, também é outra. (...) Acontece uma coisa ou outra? Acontece. (G-FA)

Para melhorar as condições de QVT, os gestores das cooperativas enfatizaram a necessidade de uma infraestrutura e maquinário mais adequados para a realização do trabalho (LIMONGI-FRANÇA; ASSIS, 1995; SOUZA; PAULA; SOUZA-PINTO, 2012).

#### **4.3 Análise das entrevistas com os cooperados**

Ao serem questionados sobre quais doenças podem ter em contato com os resíduos, os cooperados demonstraram preocupação com a leptospirose e a dengue, ressaltando a existência de ratos e pernilongos no local de trabalho, e apontaram também doenças que já tiveram, principalmente micoses nas mãos.

Eu tive micose, mas agora acho que a pele acostumou. Dá pra ter doença do rato também, mas nunca tive. (C-CO2)  
Aqui tem rato, leptospirose, dengue, mas aqui até agora nada. Tem uns ratinhos, mas doença nenhuma. (C-FA2)

Todos os cooperados confirmaram que sentem dores nas costas e alguns apontaram também as de cabeça e nas pernas. Enjoos também foram citados. Não foram mencionadas, contudo, diarreias e verminoses que são comuns em pessoas que trabalham diretamente com RSU (FERREIRA; ANJOS, 2001; PORTO *et. al.* 2004). Um estudo realizado por Nogueira, Silveira e Fernandes (2017), com catadores de Poços de Caldas – MG, afirma que cerca de 38% dos catadores entrevistados apresentavam dores regularmente. Para a metade dos cooperados, entrevistados nesta pesquisa, essas dores não prejudicam o andamento de suas atividades na cooperativa. Apesar disso, todos afirmaram já terem faltado ao trabalho por causa de alguma doença, o que reforça os estudos de Porto *et. al.* (2004) e Varela e Lopes (2013), quando citam a negação desses trabalhadores da relação entre o trabalho e possíveis problemas de saúde.

Dói todo dia [as costas]. Até quando tô no caminhão, porque são muitas horas, tem que fazer volume. (...) Eu trabalho mesmo assim. (C-CP3)

Alguns cooperados ressaltaram que o perigo de acidentes é maior quando não obedecem às regras de segurança e não usam EPIs. Contudo, a maioria afirmou que o trabalho não oferece perigo. Mas todos já se cortaram com vidro e outros materiais cortantes ou sofreram perfurações nas mãos causadas por pregos e seringas.

Notou-se que há cooperados que preferem não utilizar os EPI's para não atrapalhar a realização do trabalho. Observa-se que a compreensão sobre suas condições de vida no trabalho aborda somente o aspecto físico e, em alguns casos, a capacitação para realizar suas

atividades, deixando-se de lado as demais garantias de saúde e segurança mental e social (LIMONGI-FRANÇA; ASSIS, 1995).

Pode se cortar, pode pisar onde não deve. Tem que ficar atento. (...) já cortei o braço, mas não foi nada. (...) Tem os EPI lá dentro se a gente precisar. Vai ter treinamento amanhã dos bombeiros. Então é boa [a segurança no trabalho]. A gente sabe o que faz. (C-CP3)

Para a melhoria do trabalho, alguns cooperados mencionaram ações específicas às suas atividades nas cooperativas, visando melhorias estruturais dentro do trabalho, tais como: a realização de algumas tarefas em duplas; melhores cadeiras para aqueles que triavam os tipos de papéis; e a necessidade de equipamentos para auxiliar nas atividades e, assim, amenizar as dores nas costas (LIMONGI-FRANÇA; ASSIS, 1995).

Há cooperados que afirmam não gostarem do trabalho que realizam nas cooperativas e que a necessidade os mantém trabalhando no local. Contudo, quando não pensam em sair da cooperativa, é porque não acreditam que tenham outras oportunidades de trabalho. Ainda assim, os cooperados indicaram vários pontos positivos de seu trabalho em cooperativas, como o fato de não precisarem catar resíduos nas ruas, onde o preconceito e a insegurança são maiores do que exercendo suas atividades numa cooperativa; a existência de apoio para se manterem longe das ruas e das drogas; a descoberta de que seu trabalho é importante para o meio ambiente e para a sociedade; e a possibilidade de ser seu próprio patrão.

O trabalho não é bom, não. Mas tem pior e a gente, pelo menos não cata na rua. Vou pra onde? Aqui, pelo menos, tem trabalho. Eu não penso nisso, não. Eu só trabalho. (C-FA1)

Acho um trabalho importante, apesar de nem toda pessoa entender. (...) Tem gente que acha que a gente é lixo. (...) A gente ajuda o meio ambiente, então ajuda as pessoa. (C-CP3)

Dentre as premissas indicadas pelos cooperados para obtenção da qualidade de vida, o ponto mais destacado foi a possibilidade de comprar bens de consumo (BUSS, 2000; MINAYO; HARTZ; BUSS, 2000; SEIDL; ZANNON, 2004; ALMEIDA *et. al.*, 2009; SIQUEIRA; MORAES, 2009), como eletrodomésticos, televisões, roupas e alimentos, para a casa e, assim, ajudar a família. Também se levantou a possibilidade dos filhos não precisarem trabalhar na cooperativa e se dedicarem aos estudos.

Eu ganho mais do que de empregada. Minha mãe viu isso também. Dá até pra ter uns luxo. (...) Ter uma casa, ver meus filho estudando, minha mãe aposentada sem precisão de trabalhar. Hoje tá melhor. (C-CC1)

Para a definição de qualidade de vida não foram mencionadas as condições de vida no trabalho, mas a capacidade para realizar as tarefas (LIMONGI-FRANÇA; ASSIS, 1995).

Eu me mantenho ocupada, não fico pensando bobagem. Esses dias comprei uma televisão boa, ajudei a comprar um fogão novo. (...) Qualidade de vida é não sentir dor e ter força pra seguir e tá com minha família também. (C-CO2)

Percebe-se que a maneira pela qual a qualidade de vida se relaciona dentro e fora do trabalho, segundo os cooperados, possui ligação com a saúde, enquanto condição para poderem trabalhar e não, necessariamente, pela ausência de doenças. Percebeu-se que a saúde ainda é vista como um objetivo para a sua sobrevivência, ao ser relacionada com a ausência de dor, e não como um recurso que auxilia na melhoria da qualidade de vida (OMS, 1946).

## 5 Considerações Finais

O objetivo geral desta pesquisa é analisar como se dá a qualidade de vida dos catadores de materiais recicláveis, em cooperativas, em SP, tentando entender a sua percepção sobre as transformações que ocorreram em sua vida, a partir do ingresso na cooperativa.

Verificou-se que as cooperativas se apresentam como uma alternativa para prover trabalho, renda e minimização da exclusão social a uma parcela da sociedade, que não consegue se recolocar no mercado formal de trabalho e tem dificuldades de prover o seu próprio sustento.

Quanto a oferecer QVT a seus cooperados, a maioria das cooperativas tem desafios relacionados à sua situação econômica, como a necessidade de melhorias na infraestrutura e na disponibilidade de tecnologia. No entanto, também foram observadas ações no sentido de aliar QVT à produtividade no trabalho, valorizando o desenvolvimento humano por meio da realização de cursos profissionalizantes, oferta de atendimento médico e de programas de inserção social e educação ambiental.

Ao buscar elencar os riscos, no ambiente de trabalho, que possam afetar a saúde e a qualidade de vida dos catadores e a impressão dos cooperados sobre este tema, poucas atitudes preventivas foram observadas, como o uso de equipamentos de proteção individual. Os riscos e acidentes mais perceptíveis e aceitos pelos cooperados, como as doenças de pele e os cortes no corpo, são considerados inevitáveis. Trata-se de um modo de defesa do trabalhador, uma estratégia defensiva que possibilita sua permanência na atividade.

Em razão disso, verifica-se que negar a doença é premissa para quem deseja continuar a desempenhar sua tarefa. Os acidentes e as doenças relatados são apresentados no tempo passado. As cicatrizes são mostradas como marcas que demonstram a experiência e comprovam as conquistas alcançadas na cooperativa e em suas vidas pessoais. Diante disso, nota-se que a qualidade de vida é vista como a capacidade para trabalhar e, dessa forma, conquistar bens materiais. Assim, a doença costuma somente ser reconhecida quando os impede de trabalhar. Essa prática aumenta a sua vulnerabilidade, podendo afetar a sua qualidade de vida, deixando-os mais expostos à riscos e acidentes e diminuindo a sua capacidade de reação e adaptação a novos contextos, que surgem quando um acidente efetivamente acontece.

Quanto à percepção dos cooperados sobre as transformações que ocorreram em suas vidas a partir do ingresso na cooperativa, constatou-se que, em sua maioria, estes percebem melhorias em sua qualidade de vida, expressando-as mediante parâmetros financeiros que possibilitam o seu acesso à renda, alimentação e habitação. No entanto, ao deixarem de “puxar carroça nas ruas”, constatam que houve uma diminuição da precariedade das condições de vida a que estavam expostos. Ainda assim, há cooperados aquém dessa realidade, casos em que a pobreza continua a expô-los a desequilíbrios econômicos e sociais, e a realidade da cooperativa não passa de mero meio de manutenção de sua vida.

Ao analisar de que maneira a cooperativa influencia a qualidade de vida dos catadores de materiais recicláveis em SP, constata-se que a dinâmica das cooperativas favorece transformações sociais e econômicas, tornando-se uma alternativa viável para o desenvolvimento local, apesar de não ser a solução ideal.

Por fim, espera-se que esta pesquisa contribua para agregar informações ao debate sobre a qualidade de vida dos catadores de materiais recicláveis. Dessa forma, ao não evidenciar somente questões técnicas e econômicas sobre a inserção dos catadores de materiais recicláveis na gestão dos resíduos sólidos urbanos, essa discussão poderá favorecer o alcance de políticas públicas voltadas também à transformação social dos catadores e da sociedade.

## 6 Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, J. R. *et al.* Efeito da idade sobre a qualidade de vida e saúde dos catadores de materiais recicláveis de uma associação em Governador Valadares, Minas Gerais, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.l.], v. 14, n. 6, p. 2169-80, 2009.
- ALVES, H. P. F. Análise da vulnerabilidade socioambiental em Cubatão-SP por meio da integração de dados sociodemográficos e ambientais em escala intraurbana. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 349-366, 2013.
- ASIM, M.; BATOOL, S. A.; CHAUDHRY, M. N. Scavengers and their role in the recycling of waste in Southwestern Lahore. **Resources, Conservation and Recycling**, USA, v. 58, p. 152-162, 2012.
- BESEN, G. R. *et al.* Coleta seletiva na região metropolitana de São Paulo: impactos da política nacional de resíduos sólidos. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 259-278, 2014.
- BRASIL. Governo do Estado de São Paulo. Secretaria do Meio Ambiente. Companhia Ambiental do Estado de São Paulo. **Plano Estadual de Resíduos Sólidos do Estado de São Paulo**. 1a ed. São Paulo: SMA, p. 1-352, 2014.
- BUSS, P. M. Promoção da saúde e qualidade de vida. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 163-177, 2000.
- CARMO, S. A semântica do lixo e o desenvolvimento socioeconômico dos catadores de recicláveis: considerações sobre um estudo de caso múltiplo em cooperativas na cidade do Rio de Janeiro. **Cadernos Ebape. BR**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, p. 591-606, 2009.
- CASTILHOS JUNIOR, A. B. *et al.* Catadores de materiais recicláveis: análise das condições de trabalho e infraestrutura operacional no Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.l.], v. 18, n. 11, p. 3115-3124, 2013.
- CEMPRE – COMPROMISSO EMPRESARIAL PARA RECICLAGEM. **Cempre Review 2013**. Disponível em: < <http://cempre.org.br/artigo-publicacao/artigos> >. Acesso em: 30 jun. 2017.
- \_\_\_\_\_. **Cempre Review 2015**. Disponível em: < <http://cempre.org.br/cempre-informa/m/ano/2015> >. Acesso em: 01 jul. 2017.
- CETESB – COMPANHIA AMBIENTAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Inventário Estadual de Resíduos Sólidos Urbanos 2015**. São Paulo: CETESB, 2016.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DIAS, S. M. Waste pickers and cities. **Environment and Urbanization**, v. 28, n. 2, p. 375-390, 2016.
- FERREIRA, J. A.; ANJOS, L. A. Aspectos de saúde coletiva e ocupacional associados à gestão dos resíduos sólidos municipais. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 689-696, 2001.
- FILARDI, F.; SIQUEIRA, E. S.; BINOTTO, E. Os catadores de resíduos e a responsabilidade socioambiental: a percepção sobre seu lugar social. **Revista de Gestão Social e Ambiental-RGSA**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 17-35, 2011.
- FIORATI, R. C. *et al.* População em vulnerabilidade, intersetorialidade e cidadania: articulando saberes e ações. **Saúde e Sociedade**, v. 23, n. 4, p. 1458-1470, 2014.
- GODOI; BANDEIRA-DE-MELO; SILVA. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2010.
- GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE: Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.
- GUTBERLET, J. *et al.* Bridging weak links of solid waste management in informal settlements. **The Journal of Environment & Development**, v. 26, n. 1, p. 106-131, 2017.

- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Projeções e estimativas da população do Brasil e das Unidades da Federação**. 2016. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>>. Acesso em: 01, jul. 2017.
- IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Pesquisa sobre pagamento por serviços ambientais urbanos para gestão de resíduos sólidos**. Relatório de Pesquisa. Brasília: IPEA, 2010.
- KAZTMAN, R. *et al.* **Vulnerabilidad, activos y exclusión social en Argentina y Uruguay**. Equipo Técnico Multidisciplinario para Argentina, Brasil, Chile, Paraguay y Uruguay. Organización Internacional del Trabajo. Chile. 1999.
- KOJIMA, M.; DAMANHURI, E. 3R Policies for Southeast and East Asia. **ERIA Research Project Report**, [S.l.], v. 10, 2009.
- LUND, F.; ALFERS, L.; SANTANA, V. Towards an inclusive occupational health and safety for informal workers. **Journal of Environmental and Occupational Health Policy**, v. 26, n. 2, p. 190-207, 2016.
- LIMONGI-FRANÇA, A. C.; ASSIS, M. P. Projetos de Qualidade de Vida no Trabalho: caminhos percorridos e desafios. **RAE Light**, São Paulo, p. 26-32, 1995.
- MAGNI, A. A. C.; GÜNTHER, W. M. R. Cooperativas de catadores de materiais recicláveis como alternativa à exclusão social e sua relação com a população de rua. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 146-156, 2014.
- MINAYO, M. C. S.; HARTZ, Z. M. A.; BUSS, P. M. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.l.], v. 5, n. 1, p. 7-18, 2000.
- NOGUEIRA, L. M.; SILVEIRA, C. A.; FERNANDES, K. S. Percepção de qualidade de vida de catadores de materiais recicláveis. *Rev. Enfermagem UFPE*, v.11, n.7, p. 2718-2727, 2017.
- OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Constituição da Organização Mundial da Saúde em 1946**. Disponível em:<<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organizacao-Mundial-da-Saude/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html>> Acesso em: 02 ago. 2017.
- \_\_\_\_\_. **Carta de Ottawa**. Primeira conferência internacional sobre promoção da saúde. Ottawa, novembro de 1986. Disponível em: <[bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/carta\\_ottawa.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/carta_ottawa.pdf)> Acesso em: 23 ago. 2017.
- SEIDL, E. M. F.; ZANNON, C. M. L. C. Qualidade de vida e saúde: aspectos conceituais e metodológicos. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 580-588, 2004.
- SEMBIRING, E.; NITIVATTANANON, V. Sustainable solid waste management toward an inclusive society: Integration of the informal sector. **Resources, Conservation and Recycling**, [S.l.], v. 54, n. 11, p. 802-809, 2010.
- SIQUEIRA, M. M.; MORAES, M. S. Saúde coletiva, resíduos sólidos urbanos e os catadores de lixo. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.l.], v. 14, n. 6, p. 2115-2122, 2009.
- SOUZA, M. T. S.; PAULA, M. B.; SOUZA-PINTO, H. O papel das cooperativas de reciclagem nos canais reversos pós-consumo. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 52, n. 2, p. 246-262, 2012.
- PORTO, M. F. S. *et al.* Lixo, trabalho e saúde: um estudo de caso com catadores em um aterro metropolitano no Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 6, p. 1503-1514, 2004.
- VARANDA, W.; ADORNO, R. C. F. Descartáveis urbanos: discutindo a complexidade da população de rua e o desafio para políticas de saúde. **Saúde e sociedade**, v. 13, n. 1, p. 56-69, 2004.
- VARELA, C. A.; LOPES, K. M. A reciclagem de latas de alumínio e a situação dos catadores: um estudo de caso da Coopamare. In: 8TH IBEROAMERICAN ACADEMY OF MANAGEMENT CONFERENCE. **Anais eletrônicos...** São Paulo IAM, 2013.

VELIS, C. Waste pickers in Global South: Informal recycling sector in a circular economy era. **Waste Management & Research**, v. 35, n. 4, p. 329-331, 2017.

VIEIRA, A. C. G.; LIMONGI-FRANÇA, A. C. Um breve histórico sobre a atividade de gestão de pessoas e os fatores críticos da gestão de qualidade de vida no trabalho em entidades estudantis. **Ensaio RH, VII SEMEAD, São Paulo**, 2004.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4ª ed. Bookman, 2010.